

Juca Varela/Folha Imagem



CACHIMBO DA PAZ Índios pataxós da região do monte Pascoal, no sul da Bahia, tocam observados por religiosos que participam da 38ª reunião da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil); os bispos rezaram missa no local Pág. 1-6

Acervo ISA	SOCIOAMBIENTAL	FSP	Documentação	Fonte	
				FSB	
Class.	265	Data	10/5/2000	Pg	1-12

ENTREVISTA DA 2ª

Enviado do Vaticano se omitiu, afirma o presidente do Cimi

ARMANDO ANTONORE
 PATRICIA ZORZAN
 enviados especiais a Porto Seguro

Dom Franco Masserdotti, 58, presidente do Cimi (Conselho Indigenista Missionário) e bispo de Balsas (MA), afirma que o cardeal Angelo Sodano, secretário de Estado do Vaticano, "se omitiu" durante seu sermão na missa de 500 anos de evangelização ao vincular o aparecimento da civilização brasileira à chegada dos missionários portugueses.

"O espírito do Senhor já havia semeado valores do Evangelho na história dos povos indígenas. Nesse ponto, o cardeal se omitiu."

Embora evite falar no assunto, dom Masserdotti fez parte de um grupo de pelo menos quatro bispos que, em repúdio ao confronto entre índios e policiais militares no dia 22, preferiu não participar oficialmente da celebração presidida no dia 26 por Sodano, que é o segundo homem na hierarquia da Santa Sé.

Quatro dias antes da missa, em um local próximo ao altar, o confronto resultou na prisão de 141 pessoas e em 30 feridos leves.

Constrangido pelos acontecimentos e sem os paramentos típicos da ocasião, dom Masserdotti assistiu à missa da platéia, incógnito e distante do altar. "Posso responder que todos os bispos rezaram em comunhão com os índios."

Leia a seguir os principais trechos de entrevista concedida na sexta-feira.

Folha - O sr. foi à missa dos 500 anos?

Dom Franco Masserdotti - Prefiro deixar isso para lá. Posso responder que todos os bispos rezaram em comunhão com os índios. Todos viveram esse momento de oração. Mas alguns sentiram um pouco o constrangimento pelas circunstâncias difíceis do lugar. Pelo que ocorreu no dia 22.

A presença das autoridades políticas, de não ter havido por parte delas nenhum gesto de arrependimento ou de dizer que foi exagero, achei que seria constrangedor.

Folha - O sr. estava com os índios. O que ocorreu no dia 22?

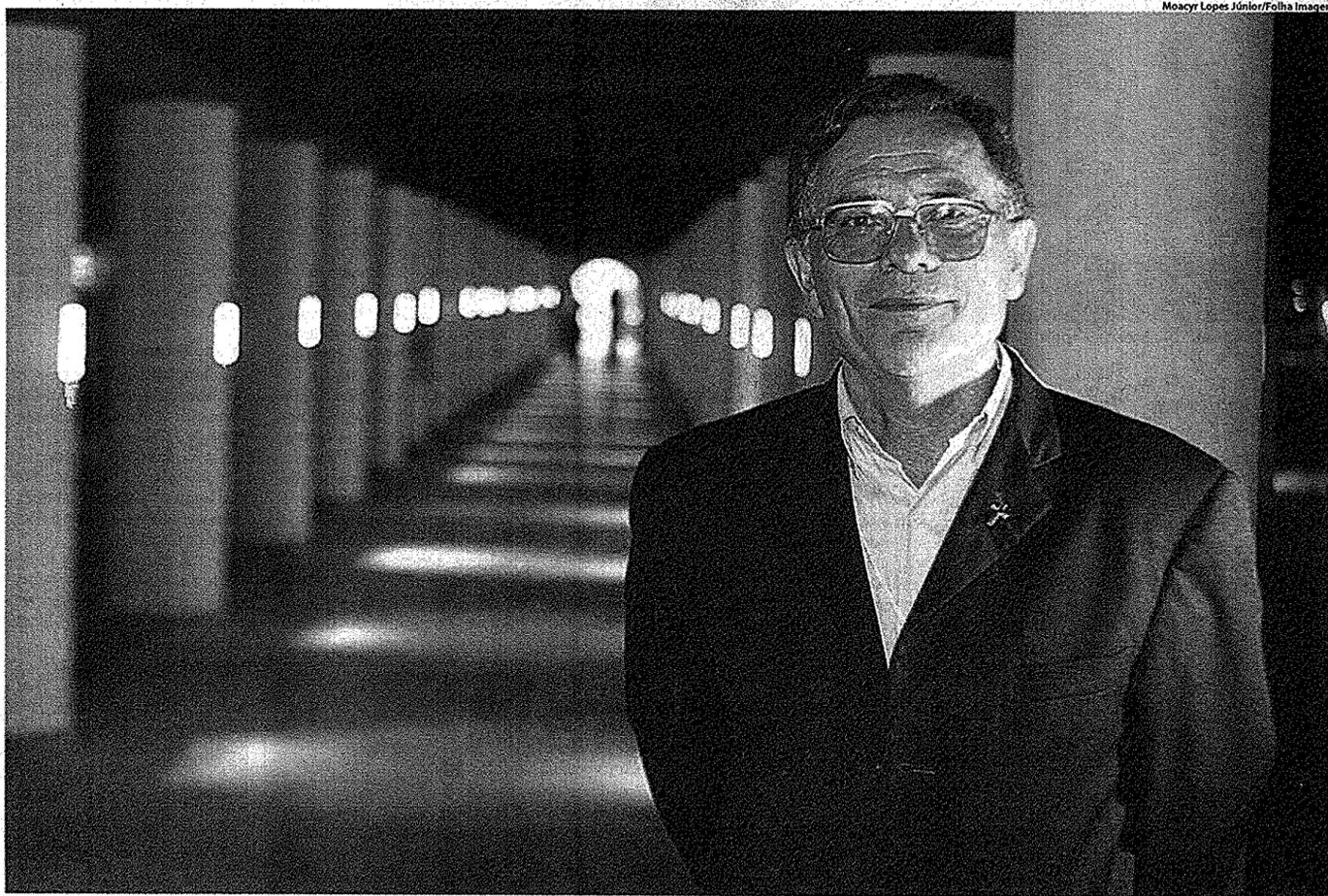
Masserdotti - Houve a conferência indígena e, dentro dela, um grupo de caciques queria aceitar o convite do presidente (Fernando Henrique Cardoso) para participar da festa oficial do Descobrimento. A maioria não aceitou porque já havia rechaçado essa comemoração.

Acho que, se os índios tivessem concordado em participar da festa oficial, não teria acontecido a repressão. Se os índios tivessem reagido e se a imprensa não estivesse lá, minha impressão é a de que poderia ter havido um massacre. Nunca vi uma repressão dessa forma. Acho que perderam um pouco a cabeça. A tropa de choque lançou bombas de gás lacrimogêneo, bombas de efeito moral, balas de borracha e jatos de água. Os índios ficaram com medo e recuaram.

Os missionários que acompanhavam os índios, uns 30, ficaram presos entre os soldados. Fui negociar com o coronel Müller (comandante da operação no local) e acabei preso também. Ficamos cinco horas cercados por soldados na estrada. Eles não dialogavam com a gente. Chegaram muitos políticos para negociar, e o coronel ofereceu que eu fosse para o alojamento. Respondi que seriam todos ou ninguém.

Folha - O sr. teve medo?
 Masserdotti - Não. Sou cristão. Vivenciei, como nunca na minha vida, a Semana Santa. Porque Deus me permitiu participar de perto da Paixão de Jesus Cristo, repetida na história desse povo.

Naquele dia senti dentro de mim orgulho de poder estar lá e de poder me solidarizar um pouco com aquele Cristo crucificado e de sofrer um pouquinho, em



Dom Franco Masserdotti, bispo de Balsas (MA) e presidente do Conselho Indigenista Missionário, que critica a política do governo FHC para a questão indígena

LENHA NA FOGUEIRA

★ "O espírito do Senhor já havia semeado valores do Evangelho na história dos indígenas"

comparação ao sofrimento dos índios. Vi a Paixão de Jesus e uma luz de ressurreição na vontade deles de reconstruir a sociedade.

Folha - O sr. viu feridos?

Masserdotti - Vi feridos e outros apanhando de uma forma leve, com cassetetes. Não houve feridos graves, mas penso que (o pior) foi o desprezo naquele dia.

Folha - O sr. acha que esse episódio espelha a relação do governo Fernando Henrique Cardoso com a causa indígena?

Masserdotti - Sim. Não há, me parece, uma vontade política de enfrentar o problema como deveria ser enfrentado. A Constituição manda demarcar terras em cinco anos — e a Carta é de 88. Já se passaram 12 anos e não se demarcou nem a metade. Há ainda as terras demarcadas e invadidas. O governo dá a impressão de ser um governo das elites econômicas e de que ajuda os índios na medida em que isso não prejudique o interesse maior dessas elites.

O dia 22 seguiu essa lógica. Em toda a organização da festa, o governo não pensou que a nação brasileira se compõe de várias raças: negros, brancos e índios. Todos eles deveriam ter o direito de participar. Organizou-se a festa a partir do ponto de vista do colonizador. O grande erro, e podemos aplicar esse discurso também à igreja, é pensar que a nação brasileira começou com a vinda dos portugueses. Parece que a história do Brasil começou em 1500 e que antes só havia pré-história. Infelizmente, a história oficial é a dos vencedores e não a dos vencidos.

Outra ambiguidade é fazer passar a idéia da harmonia racial. Evitam projetar imagens de protestos, de contestações, para não manchar a festa oficial. Para mim,

★ "Em toda a organização, o governo não pensou que a nação brasileira se compõe de várias raças"

do Brasil que existe é o dos portugueses, dos negros, dos índios, dos migrantes. Mas, como nação, somos uma obra inacabada e que não se fará enquanto houver desigualdade econômica e social.

Folha - Mas o tom do sermão do cardeal Angelo Sodano, durante a missa dos 500 anos, foi de que o Evangelho trouxe a civilização ao Brasil.

Masserdotti - O fato de o Evan-

★ "Se os índios tivessem reagido e se a imprensa não estivesse lá, teria havido um massacre"

gelho ter sido trazido pelos portugueses gerou valores interessantes, como a fraternidade, a filiação divina, a dignidade da pessoa humana. Tudo isso foi uma contribuição positiva. Mas, do ponto de vista da minha fé, o espírito do Senhor já havia semeado valores do Evangelho, embora de forma implícita, na história dos povos indígenas, nos seus sofrimentos e em suas tradições religiosas.

Quando chegaram os missionários, com a mentalidade daquela época e a ausência da antropologia cultural — que ainda não havia nascido —, eles acharam que isso era o demônio e destruíram tudo. Mas agora temos condições de dizer que naqueles valores já estava presente o espírito do Senhor.

Folha - O cardeal errou?

Masserdotti - Ele realmente se omitiu num ponto que não tem nada de extraordinário, que hoje já faz parte da doutrina da igreja (a idéia de que já havia a semente do Evangelho entre os povos indígenas americanos). Ele podia ter valorizado mais esse ponto.

Folha - Como o sr. avaliou o protesto do índio Matalauê na missa dos 500 anos?

Masserdotti - Achei muito oportuno e bonito, porque nasceu do coração dele. Foi o que deu um tom mais autêntico e verdadeiro ao sacrifício da cruz. A intervenção sofrida dele deu o tom certo à missa. Arrancou de nós as lágrimas. Foi um protesto, mas cheio de amor, de consciência da própria dignidade.

Foi como dizer: "Vocês estão aqui, mas devem pensar um pouco que estão aqui na nossa terra. Por que vocês não assumem realmente a nossa causa? Não fiquem somente pedindo perdão teoricamente. Concretizem o seu pedido de perdão".

Folha - Falta à igreja concretizar esse pedido?

Masserdotti - A chegada dos missionários trouxe coisas muito bonitas, a alegria do encontro com Jesus. Ao mesmo tempo houve defeitos, pontos negativos. Podemos dizer a mesma coisa quanto ao presente. Ainda falta muito para a igreja, mas devemos reconhecer que passos foram da-

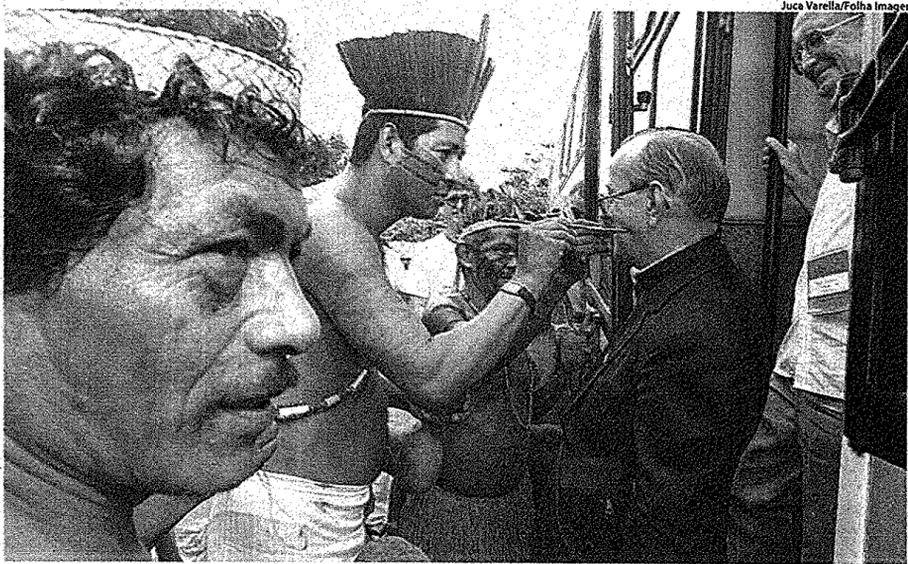
Releio X
 ■ Nome: Franco Masserdotti
 ■ Formação: doutor em sociologia
 ■ Ocupação: presidente do Cimi e bispo de Balsas (MA) desde 1996
 ■ Idade: 58
 ■ Nascimento: Brescia, Itália

dos. A CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) tenta manter um diálogo crítico e construtivo com o governo, reivindicando as áreas indígenas e os direitos de todos os excluídos.

Há também as pastorais sociais e o Cimi, que tem um merecimento muito grande na preservação dos índios, no projeto de evangelização mais respeitosa da cultura deles. Faremos o máximo para tentar reparar um pouco aquele mal, mas a igreja poderá merecer o perdão dos índios na medida em que se colocar radicalmente a serviço deles e de todos os excluídos.

Folha - Como o sr. recebeu a declaração do bispo de Eunápolis, dom José Edson Oliveira, pedindo desculpas ao cardeal pela participação de Matalauê?

Masserdotti - Acho que havia motivo para explicar (o que ocorreu) a uma pessoa que veio de fora. Mas não houve nenhuma agressão ao cardeal. Houve um grito que nos ajudou a contextualizar o sacrifício de Jesus.



Bispos vão a aldeia e celebram missa

D. Paulo Lopes, de Adamantina (MG), tem o rosto pintado por um pataxó ao chegar para a celebração de uma missa na comunidade indígena ao pé do monte Pascoal (Bahia) na manhã de ontem. Os religiosos que participam da 38ª Assembléia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil estavam de folga